



CONTEMPORARY
ART GALLERY

Nuno Nunes-Ferreira

Dois anos e meio

Curadoria e texto Luísa Santos

Balcony Gallery, Lisboa

9 Março – 20 Maio 2019

Dois anos e meio é o tempo de investigação e de produção do corpo de trabalho de Nuno Nunes-Ferreira (1976, Lisboa) apresentado na exposição que adopta este tempo enquanto título. E a matéria protagonista de *dois anos e meio* é em primeira instância, o tempo. A acumulação de notícias impressas é matéria também crucial na constituição da exposição.

Começamos pelo tempo. *Dois anos e meio* desenha-se simultaneamente no centro e nos antípodas de uma cultura na qual impera a rapidez, a necessidade imposta de fazer tudo ao mesmo tempo, e a dar pouca atenção a detalhes e a tudo o que peça tempo. A capacidade de manipular o tempo enquanto matéria, de torná-lo mais lento ou mais rápido, só foi possível na modernidade. A primeira ruptura com o entendimento tradicional de tempo, enquanto algo fixo e imutável, na cultura visual aconteceu com o advento da fotografia no Séc. XIX que trouxe a possibilidade de parar o tempo (T. J. Demos, 2007). Enquanto a arte moderna respondeu à mecanização do tempo da vida moderna (as figuras mecanomorfas de Duchamp e de Picabia serão os exemplos mais reconhecidos), os dadaístas e surrealistas recriaram e suspenderam a noção de tempo, a Pop Art dos anos 1960 expandiu a duração de visionamento dos trabalhos artísticos (as oito horas do mesmo plano no *Empire*, de 1964, de Andy Warhol), os artistas conceptuais, como On Kawara, exploraram os limites teóricos do alongamento do tempo, e na arte das décadas de 1980 e 1990, a replicação do imediatismo do universo das notícias e da publicidade veio ocupar o lugar principal (como as apropriações do universo da publicidade de Barbara Kruger).

O trabalho de Nuno Nunes-Ferreira junta precisamente estas duas últimas tradições da investigação da temporalidade – por um lado, desafia os limites da extensão do tempo e, por outro lado, apropria-se de notícias e publicidade impressas, do universo do imediato, que acumula e arquiva.

Logo na entrada da exposição somos confrontados com um ano de recortes de jornais que recolheu diariamente do café mais próximo da sua casa. As quatro telas que ocupam a parede lateral do primeiro piso da Galeria Balcony - *Primavera, Verão, Outono e Inverno* (todas 2016-19) - formam-se, cada uma, numa mancha a preto e branco (à distância, monocromática) de palavras com o mesmo tipo de letra retiradas dos títulos das notícias em diferentes secções dos jornais diários: primeira página (*Primavera*); páginas centrais (*Verão*); páginas do desporto (*Outono*); restantes páginas (*Inverno*) sendo a última palavra colada a que dá o título a cada tela. Com os títulos, Nuno Nunes-Ferreira alonga o imediatismo dos títulos dos jornais para um ano, num exercício de mudança da durabilidade do impacto destas palavras.

Também com recortes de jornais, o conjunto *Arquivo VII, Arquivo VIII e Arquivo IX*, e o livro de artista *Chegar aos cem*, todos de 2016-19, obedecem a uma estrutura remanescente das performances *One Million Years (Past)* e *One Million Years (Future)* (1969), de On Kawara, nas quais duas pessoas leem em voz alta cada um dos anos listados (998.031 AC a 1.001.992) nos livros ao longo de sete dias consecutivos, numa espécie de memorial a todos os que viveram e a todos os que viverão. Formalmente, *Arquivo VII, Arquivo VIII e Arquivo IX* constituem-se, respectivamente, por sete, doze, e vinte e quatro dossiers em pastas de arquivo com páginas (micas transparentes com recortes de jornais sobre folhas quadriculadas) dispostas, cada uma, numa estante com uma mesa ao lado. O *Arquivo VII* apresenta o tempo medido desde um minuto em 60 segundos até um milénio em 10 séculos, passando por uma hora em 60 minutos, um dia em 24 horas, um mês em 31 dias, um ano em 12 meses, e um século em 100 anos. O *Arquivo VIII* apresenta um ano em doze dossiers correspondentes, cada um, a um mês sendo cada página dedicada a um dia do mês respectivo. Finalmente, o *Arquivo IX* apresenta um dia em 24 horas / dossiers, sendo cada dossier dedicado a uma hora de um dia em 60 minutos / páginas, num total de 1.440 páginas correspondentes aos 1.440 minutos de um dia. O *Arquivo IX* apresenta ainda uma televisão na qual cada minuto é apresentado com um detalhe de uma página dos dossiers correspondente ao minuto real do momento em que se está a visualizar o

ecrã. Já o livro de artista *Chegar aos cem* (2018) é um dossier com cem páginas, sendo cada página dedicada a um recorte de uma notícia de um aniversário, do primeiro ao centésimo, numa celebração à longevidade.

Cada uma destas obras implica assim várias metodologias para entender o tempo. Por um lado, o uso de uma estrutura matemática rigorosa para traduzir o tempo (segundos em minutos, minutos em horas, e por aí adiante); por outro lado, o convite à interpretação subjectiva e a performatividade que o tempo implica (as mesas que apelam à consulta dos dossiers); e, por fim, a materialidade (os recortes de jornais que constituem as páginas dos dossiers nas estantes que podem ser, enquanto objectos, entendidos como esculturas) que concede ao tempo. Tão relevantes quanto as metodologias serão, provavelmente, as dimensões conceptuais que estes trabalhos implicam: o modo como a nossa sociedade contemporânea, ocidental, de uma cultura do imediato, compreende o tempo; a intangibilidade do tempo; e a subjectividade implícita à compreensão do tempo com as margens de interpretação que essa subjectividade pressupõe, independentemente do rigor de todas as fórmulas matemáticas que se possam aplicar.

Estas dimensões são particularmente claras na televisão do *Arquivo IX*, com uma sequência remanescente do filme *The Clock* (2010), de Christian Marclay. Cada *frame* apresenta uma imagem de um relógio de um determinado minuto do dia sempre correspondente ao minuto real do momento em que se está a visualizar o trabalho. Para podermos aceder a todas as imagens de todos os minutos / relógios, teríamos que dar 1.440 minutos (que equivalem a 24 horas, ou a um dia) do nosso tempo à exposição. Enquanto o *Arquivo IX* investiga como o tempo, narrativa e duração são retratados nas notícias de jornais e revistas, pode também ser usado, em si, como relógio que diz a hora exacta. No entanto, aquilo que cada um de nós vê em cada imagem implica narrativas diversas apontando para um entendimento múltiplo do tempo. Por outras palavras, o *Arquivo IX* diz-nos que horas são ao mesmo tempo que rompe com a coerência cronológica do tempo.

Este tipo de entendimento do tempo surge também evidenciado no vídeo *Tennis Match* (2018) que é, na verdade, um conjunto de 365 vídeos amadores que equivale a um ano. O título do trabalho, como o som que ocupa grande parte do espaço do piso inferior da exposição, leva-nos a pensar que as imagens correspondentes serão as de um jogo de ténis. Contudo, quando

accedemos às imagens dos 365 vídeos, somos confrontados com outra narrativa: pessoas a praticar a arte de *sabrage*, uma técnica para abrir garrafas de champanhe. Dependendo das referências pessoais e conhecimento de cada um, a experiência vivenciada perante *Tennis Match*, depois de ultrapassada a estranheza perante o conflito entre som e imagem, poderá ser de reconhecimento da técnica que remonta às celebrações das vitórias Napoleónicas ou de perturbação perante a violência implícita ao acto de degolar garrafas de champanhe com espadas.

Usando uma estrutura matemática rigorosa mas também elementos reconhecíveis do universo imediato das notícias (no conjunto dos arquivos) e dos vídeos a que todos temos acesso na internet (no *Tennis Match*), Nuno Nunes-Ferreira transpõe a experiência temporal de absorção imediata mas indirecta das notícias impressas e dos vídeos online para a experiência directa, vivenciada por quem está a ver o trabalho.

No conjunto, a exposição *dois anos e meio* – que poderia ser lida como uma instalação expandida - joga com os modos como experienciamos as narrativas construídas através das notícias que nos são apresentadas enquanto factos, examinando as convenções e as estratégias dos meios de comunicação nas suas interpretações e construções de uma durabilidade do tempo. Perante notícias, somos removidos do nosso tempo para imergir num novo registo, que corresponde a uma determinada narrativa que nos é (re)contada num domínio simultaneamente real e ficcional.

A instalação transforma esta condição das notícias: o tempo, neste caso, corresponde à imaterialidade que existe para lá das datas impressas e da fisicalidade dos milhares de páginas das pastas de arquivo, das quatro telas, e das centenas de *frames* da televisão do *Arquivo IX* e do vídeo *Tennis Match*. O que podemos experienciar aqui é um evento ficcional ou um conjunto incontável de ficções em múltiplos tempos agregados no tempo simultaneamente mensurável e imensurável que cada um de nós levará a percorrer *dois anos e meio*.